

Desafios e questionamentos do anúncio atual do Evangelho

Challenges and questions of the current proclamation of the Gospel

Sergio Esteban González Martínez¹

Recebido: 01/10/20

Aprovado: 05/11/20

Resumo

Ser apaixonado pelo Evangelho se expressa na missão de todo verdadeiro discípulo seguidor de Jesus Cristo. O contexto atual com seus desafios torna-se um momento propício para anunciar esperança e fé na sociedade. Essa missão é complexa devido a pandemia da Covid-19, as tentações e obstáculos pelos quais os agentes de pastoral enfrentam no dia a dia e a própria estrutura da sociedade que exclui o pobre, àquele que não encaixa com o perfil de consumo. Construir a paz, proteger o fraco e dialogar com todos, parecem ser cada vez mais difícil quando o sistema impede. Por isso, a importância de caminhar juntos, dialogar com o outro, isto é, a sociedade, o Estado e os irmãos não católicos.

Palavras-chave: Anúncio, missão, desafio, Evangelho.

Abstract

Being passionate about the Gospel is expressed in the mission of every true disciple who follows Jesus Christ. The current context with its challenges becomes a propitious moment to announce hope and faith in society. This mission is complex due to the Covid-19 pandemic, the temptations and obstacles that pastoral agents face in their daily lives and the very structure of society that excludes the poor, those that do not fit the consumption profile. Building peace, protecting the weak and dialoguing with everyone seems to be increasingly difficult when the system prevents it. For this reason, there is a need of walking together, dialoguing with each other, that is, society, the State and non-Catholic brothers.

Keywords: Announcement, mission, challenge, Gospel.

Introdução

O cristão que segue Jesus Cristo se torna anunciador do seu Mestre. Cada contexto da História com suas luzes e sombras, é o lugar no qual por meio de gestos e palavras, os discípulos missionários colocam sal na realidade dando um novo sabor. O

¹Sergio Esteban González Martínez é missionário estigmatino e possui bacharelado em Teologia pela PUC-SP.

contexto da pandemia da Covid-19, pode ser o lugar oportuno para resignificar a missão atual. Mas, para que o anúncio seja frutífero, quem evangeliza deve manifestar um modo de ser diferente à sociedade que necessita de esperança e fé na construção de um lugar de diálogo, onde todos os seres humanos possam desenvolver-se íntegra e adequadamente.

Fazendo um breve percorrido na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, este escrito mencionará algumas dificuldades no momento de anunciar o Evangelho. Com o nome tentações, destacará algumas dificuldades que purificam o ser discípulo. Posteriormente, sublinharemos o mundo contemporâneo que desafia o fervor missionário principalmente na comunhão e identificação entre as pessoas. Logo, mencionaremos a sociedade que com sua estrutura interna de pecado tende a excluir o próximo, especialmente, os mais pobres e vulneráveis.

1. Algumas dificuldades no momento de anunciar o Evangelho

Atualmente é notório ressaltar que ser um verdadeiro anunciador do amor salvífico de Deus, torna-se um desafio principalmente dentro da pandemia. A luz da Exortação Apóstólica *Evangelii Gaudium*, buscou-se aqui traçar um caminho a fim de expor alguns obstáculos que os missionários encontram no momento de evangelizar. A primeira dificuldade está dividida em seis categorias denominadas tentações: a tristeza, o individualismo, o relativismo prático, o mundanismo espiritual, o consumismo e o esquecimento da primazia do chamado de Deus. A segunda dificuldade faz menção ao mundo desafiador que, com seu sistema, tende a ameaçar o modo de ser da Igreja. E a terceira dificuldade encerra a exclusão que essa mesma sociedade realiza com os mais desfavorecidos e fragilizados.

1.1. As tentações

Anunciar o Evangelho de Jesus Cristo é tarefa de todo discípulo e discípula. Não obstante, essa missão nem sempre é realizada facilmente; algumas vezes, são encontradas nas estradas pedras que dificultam o “ser anunciadores”. Os obstáculos podem ser inumeráveis; por este motivo, aqui são mencionados tão somente seis: a tristeza, o individualismo, o relativismo prático, o mundanismo espiritual, o consumismo e o esquecimento da primazia do chamado de Deus. Eles constituem na

atualidade, tentações para a evangelização impedindo a propagação do bem que, “tende sempre a comunicar-se” (EG 9).

A primeira que se deseja destacar é a tentação da *tristeza*. Ela é fruto de um coração comodista e mesquinho, que produz na pessoa um fechamento nos próprios interesses. Quem se encontra com ela é necessariamente individualista, uma vez que busca, de maneira desordenada e exagerada, os prazeres efêmeros, tornando seu coração insensível ao clamor do próximo, principalmente dos necessitados. É, por este motivo, que a tristeza individualista transforma a pessoa em ressentida, queixosa, sem vida (EG 2). A tristeza é um impedimento para ser sal e luz do mundo, “vós sois sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com o que salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens” (Mt 5,13).

A segunda tentação que os agentes pastorais hoje enfrentam, é o *individualismo*. Este mal está latente na vida da Igreja gerando, até nas pessoas consagradas, “uma crise de identidade e um declínio do fervor” (EG 78). Este vá unido à tristeza, visto que, estão sempre juntos e se alimentam reciprocamente. Por isso, não seria exagero afirmar que, se um anunciador tende ao individualismo, necessariamente perde a identidade cristã e termina por “sufocar a alegria da missão” (EG 79).

Nisto está a verdadeira cura, pois o modo de nos relacionarmos com os outros que nos cura em vez de nos adoecer é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom [...]. Não deixemos que nos roubem a comunidade! (EG 92).

O individualismo atenta contra o modo de ser da proposta de Jesus Cristo, “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20), impedindo o viver juntos e o descobrir da experiência maravilhosa de partilhar a caminhada. O *estar juntos* não se refere à aproximação física, senão, um identificar-se com o próximo e reconhecer nele a imagem de Deus. Sempre é prudente lembrar-se o quando é necessário caminhar na companhia do outro para ser anunciadores do Ressuscitado (Lc 24,13-35). Onde exista o espírito individualista, a comunidade está ausente, visto que, “enfraquece os vínculos comunitários” (DAp 44) e não deixa ver “fora dos portões” (BAUMAN, 2011, p. 125) do ego.

A terceira tentação a ocupa o *relativismo prático*. Ele é ainda mais perigoso que o relativismo doutrinal, porque está relacionado diretamente com a práxis, “é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG 80). Ser indiferente não é coisa de Deus, por conseguinte, não é uma atitude cristã, nem expressão de amor ao próximo. No momento em que um cristão é indiferente para com seu irmão, pode-se dizer: não sabe amar e não conhece a Deus porque Deus é amor (1Jo 4,8).

A quarta tentação denomina-se *mundanismo espiritual*. Este mal está instalado na esfera da Igreja e faz com que o missionário se desvie do elemento mais importante de todo cristão: a glória de Cristo, “o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG 93). Este mal é alimentado por duas fontes: o *gnosticismo* e o *neopelagianismo*.

A primeira fonte, o gnosticismo, manifesta, “uma fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente conformam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada” (EG 94). Os batizados, que na atualidade manifestam estas características, consideram as quantidades de dados e conhecimentos o critério de perfeição e, por este motivo, não conseguem chegar ao grau de caridade (GE 37). O pior erro que cometem tais seguidores é a tendência de reduzir toda a compreensão da fé e do Evangelho a meras explicações gnósticas (GE 39).

A segunda fonte que alimenta o mundanismo espiritual é o *neopelagianismo*. Ele consiste em atribuir todo o mérito de ser cristão às próprias forças. Quem manifesta este modo de ser tende a colocar-se como autorreferência e acredita-se superior aos demais pela sua capacidade de cumprir estipuladas normas disciplinares (EG 94). O pelagianismo atual faz limitar o agir dinâmico da graça de Deus ao esquecer que tudo é graça e que por ela todos fomos salvos (Rm 3,24). Desta maneira, este mal pode negar ou bloquear a graça de Deus na vida da pessoa (GE 50).

A quinta tentação dá lugar ao *consumismo*. Este mal atenta diretamente contra o espírito comunitário e fraterno da vida cristã porque o ato de consumir constitui uma experiência e uma atividade, “exclusivamente individual, uma série de sensações que só

podem ser experimentadas, vividas, subjetivamente” (BAUMAN, 2011, p.125). Ser consumista significa fechar-se ante o outro (transversal) e o Outro (Transcendente) para não dar lugar à partilha nem à experiência de viver dentro de um mesmo coração (At 4,32).

O problema mercadológico, que incentiva a criação de meios para comercializar seus produtos provocando um consumismo obsessivo (LS 203), consiste na exclusão daqueles que não estão inseridos no sistema consumista; “esses excluídos formam hoje uma enorme massa humana não considerada pelo sistema, porque não consomem e, assim, não produzem para aqueles que se beneficiam da riqueza” (ZACHARIAS; MANZINI, 2016, p. 132).

Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado [...]. Quando o ser humano se coloca no centro, acaba dando prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante (LS 122).

Esta tendência antropocêntrica desordenada representa duplo desafio para a Igreja. Primeiramente, porque os anunciadores devem manifestar o Reino de Deus com as palavras; e, depois, com as obras. Isso quer dizer, não podem proclamar um Reino de inclusão e viverem em outro, ou seja, não podem ser consumistas.

Ser anunciadores do amor salvífico de Deus significa ser luz e esperança para aqueles afetados pelo fenômeno do consumismo, que tendem a inclinar-se mais pela categoria do “ter” do que pela categoria do “ser” (CDSI, 360). Anunciar a Palavra dentro dessa realidade implica retomar como centro a vida humana. Ser cristão dentro desse contexto implica mudar a concepção mundana de, “o que importa são os fins lucrativos, não os meios éticos e morais” (ZACHARIAS; MANZINI, 2016, p. 132) para: o que interessa é a pessoa humana feita a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26).

A sexta tentação que os agentes de pastorais sofrem no anúncio do Evangelho é o *esquecimento da primazia do chamado de Deus*. Todo missionário precisa sempre estar atento para não cair no erro de esquecer o primado de Deus, “em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG 12). Ante tal tendência atual, de

esquecer o Mestre como primeiro autor, deve-se lembrar as palavras do evangelista João, “Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19), e do profeta Jeremias “antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações” (Jr 1,5).

1.2. O mundo desafiador

No mundo contemporâneo, que notoriamente apresenta como verdade categorias antagônicas aos ensinamentos de Jesus, anunciar a Alegria que vem do Evangelho é como nadar contra a corrente. A era atual, assim como cada momento da História, é caracterizada por mudanças que impactam grandemente todo o mundo, devido às influências do desenvolvimento da ciência e da tecnologia (DAP, 34). Isto afeta diretamente à cultura e, com isto, à concepção integral do ser humano em seu relacionamento com o mundo e com Deus (DAP, 44). Não se pode negar que os avanços podem facilitar o bem viver das pessoas, especialmente no âmbito da saúde, da educação e da comunicação, como também não se pode esquecer que podem produzir exclusão, sofrimento e um nível de vida precário (EG 52).

Não é missão fácil ser anunciador de esperança dentro do mundo, que cada vez mais está fomentando o medo e desespero nas pessoas, o desvanecimento da alegria de viver, o aumento da falta de respeito, a violência, a desigualdade social (EG, 52), o domínio de uma cultura sobre a outra, o espírito consumista com, “caráter eficaz, efêmero até messiânico” (DAP, 50), a secularização da fé, o aumento do pensamento relativista e um enfraquecimento da vida comunitária fraterna. É por isto que todo discípulo missionário deve ter sempre os ouvidos muito atentos às palavras mencionadas pelo Papa Francisco, “evangelizamos também ao procurar enfrentar os diferentes desafios que se nos podem apresentar” (EG 61).

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética; um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo. Tudo isso provoca uma desorientação generalizada (EG 64).

Lutar contra este sistema, que fomenta a secularização da fé e da Igreja no aspecto privado, é o grande desafio do evangelização atual, visto que, “debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”(EG 67). Uma Igreja que não se considera, “o povo unido pela unidade

mesma do Pai, do Filho e do Espírito” (LG 4) e que não fomenta a união entre seu povo atenta contra seu próprio modo de ser: a Trindade. Viver divididos não é a proposta evangélica. Ante esta tendência, lembremos das palavras do apóstolo Paulo: “o corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos” (1Cor 12,14).

Na esteira querigmática da evangelização, manifestar atitudes cristãs como verdadeiros anunciadores, “do amor original ou da caridade do Pai” (AG 2) dentro do mundo desafiador, incomoda o interesse dos mais poderosos, “quantas palavras se tornam incômodas para este sistema! Incomoda que se fale de ética, incomoda que se fale de solidariedade universal, incomoda que se fale de distribuição dos bens, incomoda que se fale dignidade dos fracos” (EG 203). Por este motivo, a nossa evangelização deve ser revista, dado que, necessariamente deve incomodar. Isso é sinal da fidelidade ao Evangelho.

A melhor maneira de enfrentar essa cultura dominante, que favorece a superficialidade, é colocando, “em movimento o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido” (DAp, 53). Os cristãos quanto mais praticam “a mística de viver juntos” (EG 87), mais estão dando testemunho das relações geradas por Jesus Cristo. Deve-se lembrar o modo de agir das primeiras comunidades cristãs quando, “eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42); esse é o supremo modo de ser anunciadores do amor de Deus.

Me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça de bruxas. Quem queremos evangelizar com esses comportamentos? (EG 100).

Não se pode negar que a divisão é um fato real entre os cristãos, e até mesmo, entre os pastores da Igreja, ela é a maior contratestemunha que todo discípulo pode fazer do Reino de Deus. Portanto, diante desta realidade, “peçamos ao Senhor que nos faça compreender a lei do amor” (EG 101), para demonstrar ao mundo o quanto é agradável viver em comunidade sendo discípulos missionários, “Vede: como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos” (Sl 133,1).

1.3. Uma sociedade excludente

Nesse itinerário catequético, o terceiro desafio enfrentado pelos agentes evangelizadores, no momento de anunciar o Reino de Deus, é a crueldade de uma sociedade que tende a exaltar o “mais forte” e excluir o “mais fraco”. Tal sistema social não só se inclina a excluir, senão também, a fomentar desigualdade, “faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres” (DAP, 402). O mais preocupante desta estrutura se radica na fonte que o alimenta, “a soberba e o egoísmo, que afetam diretamente a esfera social (GS 25).

Perante esta realidade, que afeta o desenvolvimento socioeconômico humano, a Igreja necessita que os anunciadores sejam: prudentes, porque foram enviados pelo Mestre como cordeiros entre lobos (Mt 10,16); atentos, porque precisam cuidar do rebanho confiado a eles (At 20,28); corajosos, porque devem fomentar, “uma economia global saudável (EG 206); desconfiados, porque não podem, “mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” (EG 204); e lutadores, porque precisam ir contra a desigualdade que é, “a raiz dos males sociais” (EG 202).

Hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Essa economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode mais tolerar que se jogue comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco (EG 53).

Este sistema social está intrinsecamente relacionado à globalização, por isso, torna-se complexo e difícil enfrentá-lo. Daí, vem a maior preocupação, porque esse modelo está expandindo-se por todo o mundo. O poder cada vez mais está fomentando a exclusão, concentrando os recursos e a riqueza nas mãos de poucos (DAP 62). Esta desigualdade faz com que a maioria das pessoas careçam de “possibilidades de tomar qualquer iniciativa ou de assumir responsabilidades” (GS 63). É neste contexto que o discípulo anunciador do amor misericordioso do Pai propõe uma, “globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos” (DA 64).

Notoriamente, na atual sociedade, ser um discípulo missionário não constitui uma missão simples, pois implica estar sempre sensíveis à voz do Mestre, o evangelizador por excelência (EG 209), para ser voz dos mais frágeis e vulneráveis. Entretanto, quem são esses frágeis? Eles são: os migrantes, que representam um desafio

especial para o pontificado do Papa Francisco, porque são forçados a deixar suas terras por diversos motivos; as pessoas que sofrem distintas formas de tráfico; as mulheres, que vivem uma situação de exclusão e que, até mesmo dentro de casa, podem padecer toda forma de submissão sexual (AL 156); os nascituros, vítimas de práticas abortivas; e a própria natureza, padecedora do, “mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (LS 2).

Hoje [...] reclamam-se maior segurança. No entanto, enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigá-la. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil [...]. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz (EG 59).

Neste contexto, pode-se concluir que são tantos os desafios e as dificuldades que hoje se apresentam no momento de anunciar o Evangelho. A sociedade contemporânea, com seu sistema que exclui o mais fraco, está ganhando cada vez mais força; aparentemente, todo esforço resulta inútil perante tanta injustiça. Por este motivo, se deve sempre analisar o modo de evangelizar, a fim de estar-se sensível e atento aos sinais que o Espírito manifesta continuamente na Igreja.

2. Como é feito o anúncio?

Após uma breve apresentação das diversas dificuldades na evangelização, prossegue três aspectos pela qual os anunciadores proclamam o Reino de Deus, segundo a *Evangelii Gaudium*. Primeiramente, criticaremos a proximidade dos anunciadores com as pessoas. Depois, descrevemos os desafios de manter a concentração no essencial do anúncio. E, mais adiante, detalharemos o modo pelo qual os Pastores da Igreja realizam as suas homilias.

O primeiro aspecto da análise se faz refletir sobre a proximidade. Neste ponto, é oportuno ressaltar que proximidade significa contato, relação, partilha. Atualmente, pode-se dizer que parte das Comunidades e Paróquias não estão sendo acolhedoras com os que vão em busca de Deus, “é necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente sua pertença à Igreja, isso se deve também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas Paróquias e Comunidades” (EG 63). Ademais, deve-se destacar que o espírito de “simples

administração” ou de “qualquer tipo de burocracia”, impedem a evangelização. Sobre esta realidade, é prudente refletir que, “devemos, pois, acolher esses homens, para que sejamos cooperadores da Verdade” (3Jo, 8).

A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade [...]. Isto supõe que esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. [...] Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto (EG 28).

Urgentemente, a evangelização necessita uma “conversão pastoral e missionária” (EG 25), para que o anúncio no mundo atual produza seus efeitos. Urge a necessidade de mudar até nos educadores na fé, os sacerdotes, a maneira de cuidar dos fiéis (PO 6) para não incidir no erro de, por exemplo, transformar o confessionário em um lugar de tortura e martírio (EG 44).

O segundo aspecto da análise tem relação direta com a *mass-media*. Os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea e principalmente no contexto de pandemia, podem facilitar a comunicação entre as pessoas. Todavia, na realidade, os meios de comunicação de massa com suas atrativas fantasias podem fazer perder-se o sentido unitário da mensagem, por suas distrações. É por isso que o Papa Francisco alerta que, “a mensagem que anunciamos corre mais do que nunca o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns dos seus aspectos secundários” (EG 34). Ante esta verdade, deve-se reiterar que, “o anúncio concentra-se no essencial” (EG 35).

Os anunciadores devem manter o núcleo da mensagem na, “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). Contudo, necessitam muita concentração e preparo, dado que, podem coibir a correta transmissão do Evangelho pela incompreensão da “ordem interna ou hierárquica que há entre as verdades da doutrina católica” (UR 11).

Consideremos agora a pregação dentro da liturgia, que requer uma séria avaliação por parte dos Pastores. Deter-me-ei particularmente [...] na homilia e sua preparação, porque são muitas as reclamações relacionadas a este ministério importante, e não podemos fechar os olhos. A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com seu povo. De fato, sabemos que os fiéis lhe dão muita importância; e, muitas vezes, tanto eles como os próprios ministros ordenados sofrem: uns a ouvir e outros a pregar (EG 135).

O terceiro aspecto corresponde à homilia. Aqui mencionaremos a maneira pela qual se realiza. O santo Padre chama a atenção minuciosamente aos ministros ordenados para que preparem adequadamente suas pregações, de modo que, seja verdadeiramente um veículo de diálogo de Deus com seu povo. Este elemento integrante da liturgia é um momento oportuno para, “a exposição dos mistérios sagrados e das normas da vida cristã, a partir dos textos sagrados” (SC 52). Entretanto, na realidade, não está sendo adequadamente utilizada como uma fonte de anúncio.

Nesse sentido, podem ser classificados em várias modalidades os pastores que dificultam a homilia. Em primeiro lugar, pode-se mencionar os que transformam suas pregações em um momento de “meditação e de catequese” (EG 137), impedindo o diálogo entre o Senhor e seu povo. Em segundo lugar, pode-se destacar os que convertem a pregação em “um espetáculo de divertimento” (EG 138) a serviço da mídia. Em terceiro lugar, pode-se citar os que devem cuidar mais da tonalidade que utilizam na homilia, a fim de fomentar uma linguagem calorosa e maternal (EG 140). Em quarto lugar, pode-se observar os que transformam suas pregações em uma “conferência ou uma lição” (EG 138). Em quinto lugar, pode-se registrar os que limitam a homilia a um tema, “puramente moralista ou doutrinador” (EG 142), tornando-a abstrata e desencarnada. E, finalmente, pode-se indicar aquelas pregações que não são preparadas pelo pastor “desonesto e irresponsável” (EG 145).

Conclusivamente, são tantas as melhorias a se deve realizar no momento de anunciar que se torna essencial questionar: nossa Igreja é próxima e acolhedora? Os anunciadores conseguem concentrar-se na essência do Evangelho? As homilias dos Pastores cooperam para um diálogo entre Deus e seu povo? Ora não é cabível, porém, traçar um método para responder a tais questionamentos. O fato concreto é que, não se pode deixar que pessoa alguma fique sem receber o anúncio da Palavra.

3. Onde deve chegar o anúncio?

Ante toda atividade missionária, a Igreja deve fomentar nos evangelizadores o questionamento: Como se está sendo fiel à missão original de Jesus? O mandato, “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem, discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), deve ser o farol que ilumina todo

anúncio. É por isto que, a fim de não incorrer em atos errôneos, a evangelização deve partir da compreensão que foi enviada a todos os povos e a toda criatura (AG 1).

Atualmente, sob os desafios do mundo moderno, a Igreja necessita urgentemente reiterar este mandamento para mudar o dinamismo da evangelização. O modo de ser anunciadores não está respondendo completamente ao apelo inicial do Mestre. A palavra “ide” precisa retomar a sua força porque o Evangelho não está chegando a todas as pessoas. O Papa Francisco reitera esta afirmação em seu apelo para uma Igreja “em saída”, “saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!” (EG 49). Este chamado à conversão pastoral é a resposta do Espírito para continuar, “o desígnio do Pai: salvar a todos” (LG 2).

A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão reveste essencialmente a forma de comunhão missionária. Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (EG 23).

Anunciar o Reino de Deus implica proclamá-lo em duas dimensões: a primeira, de caráter pessoal, manifesta a, “tarefa prioritária de dar testemunho do amor de Deus ao próximo com obras concretas” (DAp, 386) por meio da caridade, o vínculo que leva à perfeição; a segunda, de caráter social, denota a toda expressão humana, ou seja, as diversas formas de cultura, pensamento e educação, “às culturas no seu conjunto” (EG 133).

Nesse sentido, o caráter universal do anúncio contém em seu interior uma mensagem destinada especialmente a um setor que tende com facilidade ficar excluído da participação desse anúncio: *os pobres*. Eles são os privilegiados do Evangelho e devem, pelo mandato divino, ser olhados com prioridade, porque são frequentemente oprimidos e esquecidos. “Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2,5).

A quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, àqueles que não têm com que retribuir [...]. Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (EG 48).

Anunciar Jesus Cristo como discípulo missionário é compreender o percurso do anúncio: partir dos pobres para chegar a todos. Isto quer dizer que, há um ponto de partida e um ponto de chegada. Se inicia dos pobres porque, “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial” (EG, 197) para chegar a toda a terra, nação, tribo, língua e povo.

Portanto, diante de tais reflexões, pode-se inferir que escolher uma Igreja que evangelize solidariamente, partindo dos pobres, não conota uma opção “exclusiva, nem excludente” (DAp, 392), senão, um descobrimento do rosto do Senhor nos rostos dos famintos, dos desiludidos, dos humilhados, dos violentados, dos menores abandonados, das mulheres humilhadas e desprezadas, dos migrantes, dos desfavorecidos que sobrevivem indignamente (SD 178). Ser discípulos anunciadores em atitude de ‘saída’ é assumir o compromisso de buscar àqueles que ficaram à margem do caminho.

Conclusão

O Espírito Santo quem acompanha a Igreja é o impulso da atividade missionária. É quem mantém os corajosos e corajosas, àqueles que decidiram seguir Jesus Cristo, no dinamismo da escuta constante. Este contexto atual, especialmente a pandemia da Covid-19, é o tempo oportuno para refletir o nosso modo de ser discípulos, fazendo chegar o anúncio do Evangelho em todos os lugares e a todas as pessoas, principalmente, àqueles que ficaram à beira do caminho.

A sociedade atual com seus desafios contemporâneos é a terra fértil na qual àqueles que estão em sintonia com Jesus Cristo, podem semear esperança e fé na construção de um lugar de diálogo e fraternidade, no qual todos possam participar colocando o seu ser. Dialogar, construir, amar e cuidar; são verbos que formam parte da vida de quem realmente cuida da messe.

Analisemos nosso estilo de evangelização para que o anúncio se mantenha fiel à missão original de Jesus. Assim, possamos saber de onde partimos e onde estamos chegando. Ser uma Igreja em *saída*, é verdadeiramente difícil quando implica um movimento interior. Sair dentro de um contexto de restrições sanitárias pela pandemia, pode ensinar o significado correto da caridade para com o outro.

Referências bibliográficas:

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. *VATICANO II: mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica: Evangelii Gaudium – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- FRANCISCO. Carta Encíclica: *Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia – sobre o amor na família*. São Paulo: Loyola, 2016.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate – sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução da Conferência Nacional do Bispos do Brasil. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TRACCO, C. L. A opção preferencial pela riqueza. In: ZACHARIAS, R.; MANZINI, R. (Orgs.). *Magistério e Doutrina Social da Igreja: continuidade e desafios*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 132.
- IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 12-28 de outubro 1992, Santo Domingo. *Documento de Santo Domingo: Conclusões*. São Paulo: Loyola, 1993.
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 13-31 de maio 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo*. Brasília: CNBB/Paulinas/Paulus, 2008.